

# Os leigos e a administração do sagrado: o irmão Lourenço de N. Sr.<sup>a</sup> e a Irmandade Nossa Senhora Mãe dos Homens – Minas Gerais, século XVIII

*Lay Men and the Administration of the Sacred: Brother Lourenço de Nossa Senhora and the Brotherhood Nossa Senhora Mãe dos Homens / Minas Gerais / Eighteenth century*

**Célia Maia Borges\***

## **Resumo**

O português Lourenço de Nossa Senhora na segunda metade do século XVIII escolheu o alto da Serra do Caraça, no interior de Minas, para isolar-se dos homens e erigir um eremitério. Lá edificou um santuário e uma casa ao estilo conventual e, mais tarde, constituiu com os colegas que o acompanharam uma irmandade. Com as licenças necessárias que obteve para formar uma associação religiosa, ele legalizou a instituição e administrou os bens sagrados. A proposta da presente comunicação visa refletir sobre as orientações espirituais de Lourenço que o levaram a buscar uma vida contemplativa, bem como o fato de ter encontrado na formação da Irmandade N.Sr.<sup>a</sup> Mãe dos Homens uma estratégia nuclear com a qual conseguiu garantir a sobrevivência da organização e responder a uma situação de controle imposta por Portugal e pela Igreja, que interpunham interditos à administração do sagrado pelos leigos.

## **Palavras-chave**

Lourenço de Nossa Senhora. Caraça. Irmandade N. Sr.<sup>a</sup> Mãe dos Homens.

---

\* Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. O presente artigo é parte integrante do projeto da pesquisa realizado em Portugal com os recursos da CAPES para o Pós-doutorado na Universidade de Coimbra/Estágio Sênior: Processo nº 3975-13-4. Agradeço à FAPEMIG o financiamento da pesquisa no Brasil (Demanda Universal). Célia Maia Borges, dentre vários trabalhos publicados, é autora do livro *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. Contato: <celiarmb3@gmail.com>.

The Portuguese Lourenço de Nossa Senhora, in the second half of the eighteenth century, chose the top of Serra do Caraça, in Minas Gerais, Brazil, to isolate himself from men and to erect a hermitage. There he built a shrine and a house in a monastic style, and, later, founded a brotherhood with his fellow men who had accompanied him. With the necessary licenses obtained to form a religious association, he legalized the institution and administered all sacred assets. The purpose of this Communication is to reflect upon the spiritual guidance provided by Lourenço, which led him to pursue a contemplative life. Moreover, he found in the formation of the Brotherhood Nossa Senhora Mãe dos Homens (literally, Our Lady Mother of Men) a nuclear strategy to ensure the survival of the organization and to be able to answer to Portugal and the Church's controlling imposition that prohibited the administration of the sacred by lay man.

### Keywords

Lourenço de Nossa Senhora. Caraça. Brotherhood Nossa Senhora Mãe dos Homens.

### Introdução

O português Lourenço de Nossa Senhora na segunda metade do século XVIII escolheu o alto da Serra do Caraça, no interior de Minas, para se isolar dos homens e erigir um eremitério<sup>1</sup> em estilo conventual, o retiro, como o nomeia o seu fundador. Ali construiu nos primeiros anos da década de 1770 uma ermida e, ao lado, uma casa destinada a acolher «erimitoens», ou irmãos<sup>2</sup>. Casal Aires, em 1817, compôs a seguinte descrição do lugar escolhido pelo irmão Lourenço para edificar a sua casa de “ermitões”:

Oito léguas ao norte de Marianna está a celebre serra do Caraça [...]. Há um desmembramento da cordilheira grande com doze ou mais léguas de circuito na base e escarpada em redondo. Numa planície de pouco menos de légua em quadro, em uma quebrada da sua sumidade há uma espécie de Mosteiro, onde vivem vários hermitoes conduzidos uns pela devoção, outras pelas perseguições: seu habito he uma sotana negra. Sustentam-se de esmollas, e das produccções do terreno adjacente, onde criam gado, e cultivam centeio. O edificio he de pedra: a igreja de elegante architectura,

<sup>1</sup> No seu dicionário Antônio de Moraes e Silva define eremitério (ou eremitório) como “casa de ermitães” (cf. DICCIONARIO da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau / Reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. v. 1. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789).

<sup>2</sup> CARRATO, José Ferreira. Aventura e mística portuguesa nas Minas do Ouro do Brasil. *Casa de Sarmento – Centro de Estudos do Patrimônio*, Guimarães, s/d. Disponível em: <[www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)>. Acesso em: 28 jun. 2008.

é dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens. No jardim há varias arvores frutíferas da Europa, como macieiras, pereiras, ameixeiras, cerejeiras [...]»<sup>3</sup>.

A respeito deste eremitério, Carrato comenta que:

a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na Serra do Caraça, enquadrarse rigorosamente no esquema ascético-monástico português e é, muito mais que os antigos «colégios» jesuíticos e os conventos das outras Ordens Religiosas no Brasil – devotados, antes de tudo, ao trabalho catequético e missionário e quase nada ao ascetismo monástico –, um típico eremitério cenobítico à moda dos mosteiros portugueses<sup>4</sup>.

É provável que o irmão terceiro de São Francisco, Lourenço de Nossa Senhora, ao criar o seu eremitério, se guiasse pelo modelo de algum convento da sua terra natal. Natural da freguesia de Nagozelo de S. João da Pesqueira, bispado de Lamego, Portugal, conforme consta do seu testamento, Lourenço construiu o edifício no alto de uma serra da região mineradora da Colônia e equipou-o com celas para os eremitas, proveu-a também de uma igreja<sup>5</sup>, e providenciou a obtenção de imagens, alfaias e paramentos para os cultos<sup>6</sup>. Foi acompanhado nessa empresa por alguns homens que abraçaram o modelo de vida eremítica.

<sup>3</sup> CASAL, Aires. *Corografia brazílica ou relação histórico-geográfica do reino do Brasil composta e dedicada a Sua Majestade Fidelíssima*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817. p. 365.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 271.

<sup>5</sup> Primeiro o irmão Lourenço construiu uma capelinha de madeira e, enquanto a igreja definitiva não ficou pronta, obteve a Provisão em 1774 para construir a capela de N.ª Senhora Mãe dos Homens e São Francisco. Reza o documento em apreço: “O Dr. Francisco Xavier da Rua, Protonotário Apostolico de Sua Santidade Commissario da Bula da Cruzada, Governador Provincial, Vigário Geral deste Bispado de Mariana [...]. Faço saber que atendendo eu ao que por seu petição (sic) me enviou a dizer o Irmão Lourenço de Nossa Senhora hey por bem conceder a licença pela presente Provisão para que possa erigir huma capela de N. Senhora Mãe dos Homens e S. Francisco recebendo as chagas na serra xamada (sic) de Catas Altas ou de Carassa (sic) a qual será fabricada de madeiras perduráveis em boa proporção e architettura e depois de feita e decentemente paramentada com os ornamento das quatro cores que mandam visitar e feito o patrimonio suficiente, recorrerá para se mandar visitar e benzer na forma do Ritual Romano e nela se poderá celebrar sem prejuizos dos direitos parochiais e da fábrica da Matriz e terá hum livro em que estarão encadernados os documentos pertencentes à capela e fará termo de sujeição ordinária e será registrada no livro de Regirstro geral. Dada e passada em Mariana sob o meu signal e sello das armas de S. Excia Rev.ª, aos 21 de março de 1774 e eu o padre Ignacio Lopes da Sivla, escrivam da camara eclesiastica que a subscrevi” (TRINDADE, Cônego Raimundo. *Arquidiocese de Mariana*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. v. 2. p. 8).

<sup>6</sup> Conforme figura no seu testamento. Cf. no Livro de Óbitos da freguesia de Catas Altas de Mato Dentro (Arquivo da Cúria da Arquidiocese de Mariana, Livro H-05, 1809-1840, p. 42. Disponível no seguinte endereço da Internet: <<https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-1-15092-1936-9?cc=2177275&wc=M5FJC6R:369594501,369593702,370045901>>. Acesso em: 22 maio 2014).

É interessante acompanhar os passos do irmão Lourenço antes da sua partida para o alto da Serra do Caraça. Sabe-se que ingressou na Ordem Terceira de São Francisco, no Arraial do Tejuco, no ano de 1763. Ignora-se o motivo por que adotou o sobrenome de Nossa Senhora<sup>7</sup>. Alguns historiadores têm levantado a hipótese de ter querido esconder a sua identidade<sup>8</sup>. Inclino-me antes a crer que o tenha feito por questões religiosas. Isto, porque em Portugal não era raro algumas pessoas mudarem o sobrenome de origem familiar para outro nome designativo, quer de um santo, ou do Senhor ou de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>, quando ingressavam numa Ordem Terceira, ou após o noviciado, quando faziam a sua profissão na ordem terceira, a exemplo de muitos frades e freiras nos conventos. Assim o fez a irmã Maria, da Terceira Ordem da Penitência da vila de Ericeira, que para “para trazer a Christo sempre em sua viva lembrança escolheu o nome de Maria do Senhor”<sup>9</sup>. Desta forma, levanto a hipótese de Lourenço ter mudado o seu patronímico por uma questão religiosa e não como um expediente para iludir as autoridades. No Rio de Janeiro a beata da Ordem Terceira de

<sup>7</sup> Diamantina/Minas Gerais/Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Livro das Profissões da Venerável Ordem Terceira da Penitência, n.º 26. No livro da Ordem Terceira consta que o irmão recebeu a sua profissão aos 28 de fevereiro de 1763. Uma cópia do documento exarada em 1780, talvez a pedido do irmão Lourenço quando já era morador no eremitério. O documento informa que “[...] fazemos saber em como o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, segundo consta dos livros das recepções e Profissões, que se acham na secretaria della a p. 3 n.º- Recebeu Santo Habito della em o dia 28 do mez de Fevereiro de 1763 [...] por dispensa foi admitido à sua profissão em o dia 6 de outubro do d.º anno, fez nas mãos do R. Commissario João Ferreira Barros, jurando defender a Conceição da Virgem Senhora Nossa [...] pedimos a todos os P. P. Guardiães, Ministros e mais Irmãos de toda a Ordem 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>, o admittan em qualquer parte que chegar [...] e se lhe faça como legitimo Irmão e Filho de N. P. S. Francisco [...] Ordem em Mesa de 22 de Agosto de 1780 [...]”. O documento foi transcrito por um autor anônimo, em artigo intitulado “Biographia do Irmão Lourenço de Nossa Senhora”, publicado na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, vol. 9, fasc. 3-4, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, julho/dez de 1904, p. 742.

<sup>8</sup> Alguns autores levantam a hipótese de ligações de Lourenço com a família Távora, daí a razão de ele esconder a sua identidade. Descarto semelhante hipótese, pois não há documentação alguma que a certifique. Como ele mesmo informou no seu testamento, era filho de Antônio Pereira e Anna Figueiredo. A versão de ser fugitivo, teve origem numa folha solta disponível na Biblioteca e Arquivo do Caraça, da autoria do Padre Leandro Rebelo Peixoto e Castro, que dava notícias de ter ouvido de um pároco da Ilha do Governador, em 1820, que o irmão Lourenço nascera em Soito Maior, e era oriundo de uma família aparentada com os Távoras. Ainda de acordo com essa versão, o Irmão Lourenço teria fugido para evitar ser preso. Como Camêllo bem aponta, esta versão é frágil. Lourenço era um homem pio e, ao fazer o seu testamento em 1806, recomendou a alma à Santíssima Trindade. Por isso, dificilmente daria uma informação falsa sobre a sua naturalidade e filiação (ver: CAMÊLLO, M. *Centro Mineiro de Educação e Missão: 1820-1830*. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, 1973. p. 40-45).

<sup>9</sup> MARIA SANTÍSSIMA, Frei Manoel. *História da fundação do Real Convento e Seminário de Varatojo*. Porto: Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1799. t. 2. p. 630-631.

São Francisco, Jacinta, adotou o sobrenome de São José, e por esta antonomásia ficou conhecida.

Sabe-se ainda que três anos depois o irmão Lourenço recebeu uma carta patente passada por Fr. Manoel de Carlos, pregador e comissário-geral da Terra Santa do Convento de São Francisco de Lisboa, a autorizá-lo a fazer o peditório de esmolas no distrito da Capela de Nossa Senhora da Mercês, bispado da Bahia<sup>10</sup>.

De modo a perceber o seu empenho em construir uma casa de ermitões e dedicar-se à vida religiosa, eis alguns dados bastante elucidativos de sua vida: no dia 22 de abril de 1770 procurou um tabelião do Arraial do Tejuco com o propósito de registrar em cartório um documento pelo qual doava os seus bens à Ordem Terceira do Tijuco. No instrumento público lavrado na presença do tabelião Ignácio José Fagundes, estipulava a doação de seus bens que consistiam de um escravo benguela, de 25 anos, para trabalhar na igreja e horta da associação fraternal; um oratório com a imagem de São Francisco a receber as chagas, e uma imagem de Senhora da Conceição. Estipulava ainda deixar à organização fraternal dois créditos que possuía em empréstimos concedidos a paroquianos<sup>11</sup>.

Hum credito ou da sua quantia pelo coal a elle obtorgante he devedor José da Silva Lopes de cento e quarenta mil reis pela coal quantia se achão dous escravos do dito devedor trabalhando no serviço do Contracto Diamantino para satisfação do sobre dito credito; como também de outro credito da quantia de trinta e oito mil e coatrocentos reis de que hé devedor Sebastião Machado morador no Rio Preto.

Queria doar tudo para se dedicar a Deus, tornar-se sacristão da Ordem. O documento fixava uma condição: que a associação o alimentasse e, após a sua morte, realizasse os sufrágios devidos aos irmãos terceiros, que consistiam em mandar celebrar “coarenta missas que se

<sup>10</sup> “Fr. Manoel de S. Carlos Pregador e Comissario Geral da Terra Santa nestes Reinos de Portugas e suas conquistas etc.[...]. Ao Irmão de Lourenço de Nossa Senhora saúde e paz em nosso Senhor Jesus Christo que de todos he verdadeiro remédio e salvação. Por quanto o nosso Reverendissimo Padre Geral Fr. Pedro João de Molina, por especial Patente expedida à instancia de sua Magestade Fidelissima, nos ordenou, que destinemos os Religiosos, que nos parecerem mais idôneos e capazes para que com todo o zelo, fervor e cuidado peção(sic) as esmolas nestes Reinos de Portugal e suas Conquistas para os Santos Lugares de Jerusalém, dando-lhe Patente firmada da nossa mão e selladas com o sello mayor do nosso Officio. Pelas presentes rogamos a VC vá fazer o peditório ao distrito da capela de Nossa Sra das Mercês (..) ao Bispado da Bahia [...]. Dado neste Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa aos 24 dias de Abril de 1766 sob nosso sinal e sello maior do nosso Officio. Caraça” (Biblioteca e Arquivo Histórico do Colégio do Caraça. Br. PBCM.T.2.1 – pasta 63. Carta Patente do Irmão Lourenço de 24 de Abril de 1766).

<sup>11</sup> SOUZA, D. Joaquim Silvério de. *Sítios e personagens*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1930. p. 43-46. Trelado de Huma Escritura de Doação Condicional que Faz o Irmão Lourenço de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> À Ordem Terceira da Penitencia do Seráfico São Francisco Deste Arrayal do Tejuco no L.<sup>o</sup> de notas 66, à folha 14, verso.

costumam mandar dizer pela alma de cada hum irmão que faleça [...]”<sup>12</sup>. O documento menciona que Lourenço, além de “ex-esmoler da Terra Santa”, usava o hábito de irmão franciscano, que significa usar o hábito inteiro<sup>13</sup>.

A proposta de doação do irmão Lourenço talvez não se afigurasse vantajosa para os confrades, tanto mais que logo a seguir ele abandonou a vila do Tejuco para se entregar à sua grande obra, a construção do eremitério. Admito que os irmãos terceiros não tenham concordado com a proposta dele, visto que assumir a cobrança de dívidas de terceiros com o postulante a sacristão podia não resultar em grande proveito. As despesas relacionadas com os sufrágios eram altas e, se os devedores não pagassem, tudo redundaria em perdas consideráveis. O escravo doado à Ordem devia somente ser empregado nos serviços da igreja e da horta. Quer dizer, não podia ser vendido ou alugado. Alguns historiadores interpretam este documento como uma prova de que Lourenço estaria envolvido com a exploração de diamantes. No meu entender, a intenção era bem diferente: ele queria convencer a Ordem da capacidade dos devedores de honrar as dívidas contraídas, e que ele as doava àquela instituição se ela aceitasse a sua proposta. De qualquer modo, quatro anos mais tarde o irmão Lourenço já estava no alto da serra do Caraça.

### *A construção do “Retiro” dos irmãos na Serra do Caraça*

Em março de 1774, o irmão Lourenço recebeu permissão para construir um templo. Em julho informava ter erguido uma capelinha de madeira<sup>14</sup>, antes do templo definitivo, porque, segundo ele, a construção desta obra em pedra demandaria muito tempo para ficar pronta e “carece a mesma de ser feita com perfeição”<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Ibid., p. 45.

<sup>13</sup> SOUZA, D. Joaquim Silvério de. *Sítios e Personagens*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1980. p. 43-46. Trespelo de huma Escritura de Doação Condicional que faz o irmão Lourenço de N.º Sr.ª à Ordem Terceira da Penitencia do Seráfico São Francisco Deste Arrayal do Tejuco.

<sup>14</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. BR. PBCM. CAR. T.2.1. Caraça, MG. Dossê de documentos sobre o Caraça do Irmão Lourenço, entre 1763 e 1819, reunidos pelos Congregados. Licença para fazer capela, 24 de março de 1774.

<sup>15</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. BR. PBCM. CAR. T.2.1. Caraça, MG. Dossê de documentos sobre o Caraça do Irmão Lourenço, entre 1763 e 1819, reunidos pelos Congregados. Documento de 1774, 16 de Julho. Informação do Vigário de Catas Altas: celebrou a missa na primeira ermida, próxima da capela em construção [cópia transcrita do original].

Nesse mesmo ano o vigário colado na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição das Catas Altas benzeu a ermida e celebrou missa, que ficou assim registrada:

assistiu grande numero de povo que concorreu com fervor e devoção e junto à mesma ermida em lugar por mim destinado se vai continuando com a obra da capela que se faz toda de pedra e para clareza de tudo passei esta por feita e assinada<sup>16</sup>.

Volvidos nove anos o irmão Lourenço requeria uma nova licença para que as missas fossem celebradas nos corredores do novo templo para que a capela-mor pudesse ser pintada:

Diz o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, morador na capela de N.ª Sr.ª May dos homens e Sam Francisco, cita na Serra do Caraça, Freguezia de Catas Altas que ele suplicante quer mandar pintar a capela mor e fazer as mais obras no corpo da mesma capela por cujo motivo e pela da capela ser pequena se não pode celebrar decentemente na mesma capela. Razão por que e pela suficiência e capacidade com que estão feitos os corredores requer o suplicante a V. Eximª lhe conceda licença para se poder celebrar nos mesmos corredores donde mais comodamente for justo<sup>17</sup>.

Acompanhar a saga do irmão Lourenço significa, antes de tudo, conhecer um pouco da sua devoção e fervor pela vida espiritual. Para concretizar o seu projeto, precisou de muita esmola e do auxílio de muita gente para o ajudar. No final do século ele contava com mão de obra escrava que aproveitou na construção do eremitério, e também com o trabalho de pessoas que buscavam no retiro uma vida dedicada a Deus. É provável que Lourenço tivesse em mente criar uma congregação de irmãos leigos. Talvez tenha sido esse o motivo que o levou em 1780 a solicitar uma cópia da profissão que fizera na qualidade de Irmão Terceiro do Arraial do Tejuco em 1763<sup>18</sup>. Eis o texto parcial desse documento

[...] Fazemos saber em como o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, segundo consta dos livros das recepções e Profissões, que se acham na secretaria della a p.3 n.º-. Recebeu Santo Habito della em o dia 28 do mez de Fevereiro de 1763 [...] por dispensa foi admitido à sua profissão em o dia 6 de outubro do d.º anno, fez nas mãos do R. Commissario João Ferreira Barros, jurando defender a Conceição da Virgem Senhora Nossa [...] pedimos a todos os P. P. Guardiães, Ministros e mais Irmãos de toda a Ordem 1.ª e 3.ª, o admittan

<sup>16</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. BR. PBCM. CAR. T.2.1. Caraça, MG. Dossiê de documentos sobre o Caraça do Irmão Lourenço, entre 1763 e 1819, reunidos pelos Congregados.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Diamantina/Minas Gerais/Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Livro das Profissões da Venerável Ordem Terceira da Penitência, nº 26.

em qualquer parte que chegar [...] e se lhe faça como legítimo Irmão e Filho de N. P. S. Francisco [...] Ordem em Mesa de 22 de Agosto de 1780 [...]”<sup>19</sup>.

É de sublinhar que a condição de terciário professo o colocava dependente da Ordem Primeira de São Francisco e, por isso, ele procurou desde a primeira hora o amparo daqueles religiosos para concretizar o seu sonho de reunir irmãos no seu eremitério. Em 1785 obteve do Provincial Franciscano do Rio de Janeiro um decreto que lhe conferia o direito a ter um capelão no Caraça e de receber novos integrantes da Ordem Terceira. No entanto, o decreto ficou estagnado nas gavetas da Câmara Eclesiástica de Mariana<sup>20</sup>. Isso, porém, não impediu que alguns irmãos terceiros nesse período se congregassem no Caraça e que, em 1776, dois anos após a construção da ermida, o irmão Custódio Gonçalves, portador de diploma de terceiro da Presidência de Mariana, se associasse ao projeto de irmão Lourenço e se tornasse o seu maior colaborador<sup>21</sup>. No transcurso de 1776 a 1785 chegaram ao Caraça alguns diplomas de filiação de irmãos, o que indicia a formação de uma comunidade leiga seráfica na Serra<sup>22</sup>.

Não obstante os esforços de Lourenço para criar uma comunidade subordinada à casa mãe franciscana e receber auxílios para o funcionamento do seu “retiro”, tal desejo não se concretizou na época, uma vez que ainda vigorava a lei que proibia a fixação de membros das Ordens Primeiras na região mineradora.

Quase no final do século o eremita decidiu formalizar a vida no seu retiro através de uma irmandade com a qual tornou possível a sua ideia de agregar os postulantes à vida solitária e, para tanto, redigiu um estatuto que enviou a Roma e à Coroa com o fito de obter a provisão<sup>23</sup>. Todavia, continuou sem obter a confirmação real, de tal maneira que em janeiro de 1806 o ouvidor Antônio Luis Pereira da Cunha reclamava

<sup>19</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. BR. PBCM. CAR. T.2.1. Caraça, MG. Dossiê de Documentos sobre o Caraça do Irmão Lourenço, entre 1763 e 1819, reunidos pelos Congregados. Anotação no Livro das Profissões na Ordem Terceira e da Penitência do Tijuco, da tomada de hábito do Irmão Lourenço de Nossa Senhora.

<sup>20</sup> Biblioteca e Arquivo do Caraça. Caraça, MG. Caderno C, n. 12.

<sup>21</sup> CARRATO, José Ferreira. *As Minas Gerais e os primórdios do Caraça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. p. 347.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 347-348.

<sup>23</sup> O irmão Lourenço, ajudado por irmãos da Irmandade de N.ª Senhora Mãe dos Homens e de São Francisco das Chagas, requisitou ao Conselho Ultramarino a confirmação de seu compromisso, conforme documento datado de 2 de junho de 1792 (Arquivo Histórico Ultramarino (AHU/Lisboa). Minas Gerais, cx. 137, doc. 23). O ouvidor da Camarca de Sabará, Francisco Souza Guerra de Araújo, deu o seu parecer a respeito da requisição dos irmãos, em resposta à Coroa, em 1793 (AHU. Minas Gerais, cx. 138, doc. 5).

dos irmãos o fato de não terem apresentado o “documento legal”<sup>24</sup>. E estipulou um prazo de dois anos para que regularizassem a situação da associação<sup>25</sup>.

A associação religiosa constituía, sem dúvida, um mecanismo pelo qual o irmão Lourenço podia sobreviver no seu retiro com outros irmãos, promover os rituais, contratar um capelão, e dedicar-se à vida religiosa. No final do século XVIII e início do século XIX, o irmão encaminhou ao Conselho Ultramarino um pedido para que a Coroa autorizasse a ida de missionários apostólicos para o seu “hospício”<sup>26</sup>. Ao especificar na missiva o envio de “frades de Varatojo”, o solicitante não deixou de caracterizar qual o ideal de perfeição do homem religioso que ele considerava o mais adequado para co-habitar o seu eremitério<sup>27</sup>.

O seminário de Varatojo ganhou fama devido às práticas ascéticas dos seus frades nas povoações portuguesas. Essa casa franciscana foi criada por frei Antônio das Chagas em meados do século XVII ao transformar o antigo convento franciscano em casa de formação de missionários. O frade celebrou-se pelos sermões espetaculares que proferia no decurso do seu múnus de pregador pelas vilas e cidades da Metrópole. Fr. Antônio das Chagas e seus seguidores imprimiram no Varatojo e em Brancanes um modelo de vida ascética que atraiu muita gente para as ordens terceiras nas localidades em que se achavam implantadas<sup>28</sup>. O trabalho dos franciscanos nesses seminários autônomos entrou para as crônicas religiosas, principalmente tendo em conta o modelo de asceta personificado pelos frades, os quais serviram de exemplo a uma vida de penitência, mesmo no decurso do século XVIII<sup>29</sup>. Foi talvez com base

<sup>24</sup> REVISTA do Arquivo Público Mineiro, ano VI, n. 2, p. 513-514.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> Hospício, como se sabe, no século XVIII tinha um significado diferente do atual. Raphael Bluteau define hospício nos seguintes termos: “Espécie de convento pequeno de alguma família religiosa, em que se agasalhão[am] os hóspedes da mesma religião, quando passam por algum lugar em que não tem convento em forma (ver: BLUTEAU, Raphael. Vocabulário Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero [...]. Autorizado com Exemplos dos Melhores Escriitores Portugueses, e Latinos [...]). Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 10 v.). Os hospícios tinham a função de receber os religiosos itinerantes, sobretudo quando transitavam por força do exercício do trabalho missionário.

<sup>27</sup> AHU. Minas Gerais, cx. 164, doc. 22.

<sup>28</sup> Ver a biografia (ou melhor, hagiografia) escrita pelo padre Manoel Godinho: *Vida, virtudes e morte com opinião de santidade do Veneravel Padre Frei Antônio das Chagas*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687.

<sup>29</sup> No século XVIII, o Frei Manoel de Maria Santíssima escreveu as memórias do seminário de Varatojo (MARIA SANTÍSSIMA, op. cit., t. 1.

nesse ideal de vida religiosa que o bispo do Rio de Janeiro, em 1745, fr. São João da Cruz, pediu ao rei D. João V o envio de missionários de Varatojo para a América Portuguesa. De resto, em 1802 o irmão Lourenço insistia na necessidade de os missionários franciscanos daqueles conventos serem mandados para o seu “retiro”. Na petição lavrada em Vila Rica, no dia 13 de março de 1802, cinco membros da Câmara escreveram à Coroa, onde reproduziam uma solicitação do irmão Lourenço:

Em hua Serra de Catas Altas seis legoas distante desta Villa existe hua Ermida com a inovação de Nossa Senhora Mãe dos Homens, fundada pelo zelo de hum devoto conhecido pelo nome de Irmão Lourenço [...]. Elle nos representou que não existindo nesta Capitania hum só convento de Religiosos, seria muito conveniente ao serviço de Deos e ao de Vossa Alteza Real, nos no referido Sítio, e Casas estabelecesse *hum Hospício ao menos de doze Missionários da Ordem de S. Francisco, Arrabidos, ou Varatojo, ou Brancanos*, que se empreguem na Missão, e Confições (sic), instruindo e convertendo os povos, do que hãm de resultar muitas utilidades da Igreja e ao Estado [...]<sup>30</sup>

Convém destacar que o documento em causa, ao requisitar o estabelecimento de doze missionários da Ordem de S. Francisco, distingue bem os arrábidos, os varatojos, ou os brancanes. O monastério da Arrábida, como se sabe, simbolizava desde o século XVI um ideal de perfeição em matéria de vida claustral, com várias celas isoladas no meio da serra, onde os frades podiam dedicar-se aos seus exercícios ascéticos<sup>31</sup>. Ainda no século XVIII a ação desses franciscanos em Portugal era considerada um exemplo de devoção e vida contemplativa, quando não de santidade, tal como o foram também os Carmelitas Descalços, isolados no Convento de Santa Cruz do Bussaco<sup>32</sup>.

Mas retornemos ao Caraça e à história do irmão Lourenço que não conseguia obter das autoridades licença para acolher na sua casa missionários franciscanos, os quais certamente deviam constituir, na sua avaliação, o modelo superior de atividade religiosa. Tolhido, portanto, por esta dificuldade, Lourenço requisitou a união do seu «hospício» com a mitra<sup>33</sup>. Dom Frei Cipriano, desconfiado e tomado de cautelas, não aceitou logo a proposta. O bispo lembrava ao eremita que as terras da Colônia eram pertença do rei e só a ele cabia, por conseguinte, dar o consentimento para uso daquele espaço. O eremita, não se dando por

<sup>30</sup> Petição reproduzida na íntegra por Augusto de Lima Júnior em: LIMA JR., Augusto de. *O fundador do Caraça*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1948. p. 132-133. Grifos nossos.

<sup>31</sup> AHU/Lisboa. Minas Gerais, cx. 42, doc. 86, Carta de D. Frei. João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro.

<sup>32</sup> Adoto a grafia antiga encontrada nas *Crônicas dos Carmelitas Descalços*. “Buçaco” é a ortografia hoje adotada.

<sup>33</sup> AHU. Minas Gerais, cx. 177, doc. 33.

vencido, requereu à Coroa a confirmação da sesmaria e o funcionamento do hospício. No desdobramento do caso, a Metrópole pediu o parecer do bispo a respeito da construção. O bispo visitou o eremitério no alto da serra com a finalidade de relatar ao Conselho Ultramarino a situação da capela e do lugar, o que fez através de uma missiva. O prelado descreveu a sua longa jornada e traçou um retrato dos contratemplos e apuros que se lhe depararam até alcançar o alto da serra. Apesar da sua visão sobre as asperezas dos caminhos, acabou por emitir um parecer positivo acerca do uso do lugar, embora no seu discurso transmita tons de dubiedade pois, segundo ele, só os possuídos de determinação de espírito se aventurariam a morar naquele ermo:

Isto posto, parece que seria mais útil e mais conveniente, estar aquele Hospício povoado de religiosos capazes de interagir os povos, e de os edificar com a sua doutrina e bons exemplos. Porém, devo lembrar aqui, que somente homens de espírito, de recolhimento de penitencia, e abraçados no comutativo zelo de lucrar para Jesus Cristo, sacrificando a sua vida e saúde a bem do próximo, são ou devem ser os chamados para uma habitação tão dezabridada [sic], e para trabalhos tão penosos. Sujeitos sem essas qualidades, não só vem enganados, mas vem cá para destruir e não para edificar. Eis aqui o que posso informar com verdade e experiências<sup>34</sup>.

Outro parecer já havia sido dado, entretanto, pelo ouvidor da Comarca de Sabará na visita que efetuou ao lugar em 1793 a pedido da Coroa; no seu relato elogiou o estilo de vida dos irmãos e descreveu a situação que ali subsistia. Em 1805 o irmão Lourenço, já idoso, fez o seu testamento e legou todo o seu patrimônio para o estabelecimento de um «hospício de missionários». No documento é patente a sua determinação de levar os frades franciscanos para o seu hospício:

declaro que a minha vontade sempre foi e é que todos os referidos bens fossem para a residência de missionários na forma do dito meu oferecimento [...]. E, não sendo possível a criação, em tal caso servisse o hospício para o seminário de meninos, onde aprendessem as primeiras letras, artes ciências, línguas [...]<sup>35</sup>.

Pelo exposto, pode-se observar como o irmão terceiro guardava uma grande admiração pelo trabalho dos missionários franciscanos acima mencionados. Por leitura de vários registros foi-me dado conhecer um pouco da ação missionária dos frades varatojanos e brancanes em Portugal. Amiúde esses frades criavam ordens terceiras, visitavam as vilas e promoviam a devoção à Paixão de Cristo com demonstrações das

<sup>34</sup> AHU/Lisboa. Minas Gerais, cx. 177, doc. 33.

<sup>35</sup> Arquivo da Cúria da Arquidiocese de Mariana. Mariana/MG/Brasil. Livro de Óbitos da freguesia de Catas Altas de Mato Dentro (1809-1840), Livro H-05, p. 42.

suas penitências em vilas portuguesas<sup>36</sup>. O irmão Lourenço não deixou também de criar capelas para as imagens da Paixão. O viajante Saint-Hilaire que visitou o eremitério do Irmão Lourenço no início do século XIX, descreve esse espaço de devoção nos seguintes termos:

Em volta da igreja há um corredor em forma de ferradura que não se comunica com ela; penetra-se nele por duas portas exteriores, e em seu interior se encontram capelas colocadas a certa distância umas das outras. Sobre o altar de cada uma existe uma imagem encarnada de madeira, que representa o Cristo em algumas das atitudes de sua paixão<sup>37</sup>.

A antiga igreja não existe mais. Foi demolida em 1876. Com ela desapareceram igualmente os Passos da Paixão. «Uma capelinha cheia de estátuas que narram e choram, vestidas de mantos roxos e vermelhos, as mais impressionantes cenas da Paixão de Cristo»<sup>38</sup>. O P.<sup>e</sup> Sarnelius em meados do século XX teceu este comentário:

Quase nada mais existe da antiga capela, construída pelo Irmão Lourenço. Era pequena. Só podia conter cem pessoas. Era toda de pedra e rica em alfaias e ornamentos. Benzeu-a Monsenhor Manuel Moreira de Figueiredo, vigário de Catas Altas, aos dois de março de 1779. Foi demolida em 1876, três anos apenas antes de celebrar o centenário de sua benção. Que pena! [...]. Até as lajes humildes de seu patamar, que cobriam as sepulturas dos primeiros caracenses, foram arrancadas e quebradas, para serem substituídas por vaidosos ladrilhos modernos<sup>39</sup>.

Mais adiante dizia:

onde estão os ossos do Irmão Lourenço? Fui cavar nas antigas capelas do Calvário e do Horto, as únicas jóias do primitivo templo que as mãos góticas respeitaram<sup>40</sup>.

Está por fazer um estudo sério do impacto que teve a destruição da antiga igreja por mão dos padres lazaristas franceses, na segunda metade no século XIX, para a construção de um novo templo. Por ora cinjo-me neste estudo ao espaço criado pelo irmão Lourenço, do qual se podem extrair pistas bastante esclarecedoras a respeito da sua espiritualidade.

<sup>36</sup> MARIA SANTÍSSIMA, op. cit., t. 1.

<sup>37</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. t. 1. p. 194. (Brasiliãna Eletrônica). A antiga igreja, como se sabe, não existe mais. Foi integralmente demolida e reconstruída pelos padres lazaristas no século XIX. As imagens “com algumas das atitudes de sua Paixão”, que descreve Saint Hilaire, também não se encontram mais na igreja.

<sup>38</sup> SARNELIUS, Padre Pedro. *Guia sentimental do Caraça*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953. p. 44-45.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>40</sup> SARNELIUS, op. cit., p. 51.

Não foi apenas no templo que o eremita cuidou de montar o caminho da Paixão de Cristo. Próximo à construção, do lado esquerdo de quem chega, depara-se com uma elevação que era então conhecida, desde os tempos do irmão Lourenço, pelo nome de “Calvário”<sup>41</sup>. A via-sacra era composta por várias cruzeiras altas que representam os passos do Senhor.

Na segunda metade do XVIII outro irmão terceiro, carmelita, Antonio da Silva Bracarena, resolveu também retirar-se para uma serra da capitania de Minas e edificar um retiro com a sua igreja. Segundo algumas versões, o irmão Lourenço tê-lo-ia acompanhado nessa cruzada antes de criar o seu ermo. Contudo, não encontrei nada que confirme estes relatos. De qualquer forma, o irmão Antônio edificou ali uma capela e celas para ele e os seus companheiros que adotaram a reclusão e a prática de exercícios espirituais. Eis mais uma descrição de Saint-Hilaire:

No alto da Serra da Piedade foi construída uma capela muito grande, contra a qual apoiaram, à direita e à esquerda, edifícios onde residem os eremitas da montanha e os peregrinos que a devoção leva a esse lugar. [...] Em frente à capela vêem-se rochedos, no meio dos quais foram colocadas cruzeiras destinadas aos «passos» que se celebram na semana santa<sup>42</sup>.

A edificação da capela dos Passos destinada a práticas espirituais, especialmente na época da Semana Santa, compunha o ideário daqueles que queriam dedicar-se aos exercícios de mortificação e reviver a dor de Jesus na *Via Crucis*. Era comum nos eremitérios franciscanos e carmelitas da Península Ibérica a criação de capelas dedicadas aos Passos da Paixão. Em Santa Cruz do *Bussaco*, no famoso eremitério dos Carmelitas Descalços em Portugal, já aqui referido, edificaram-se várias capelas representativas do suplício de Jesus no caminho do Calvário.

Eduardo Hoornaert há muito que chamou a atenção para o fato da *devotio moderna* ter gerado “o clima religioso típico do Brasil Colônia”<sup>43</sup>. A *devotio moderna* – nome pelo qual ficou conhecido o movimento – deu corpo a uma ação de renovação por parte de grupos religiosos no interior da Igreja com o objetivo de resgatar dentro dos claustros todas as experiências de devoção e penitência inspiradas na vida de Cristo. Com ênfase na espiritualidade prática e afectiva – o oposto exatamente da especulação dos tratados teológicos – o movimento propôs-se recuperar no recolhimento e na mortificação a expressão genuína do fenômeno

<sup>41</sup> Ibid., p. 107.

<sup>42</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem Pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. p. 67.

<sup>43</sup> HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, E. (Org.) *Historia liberatio-nis: 500 anos da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 309.

religioso e dar maior suporte à fé e à vivência espiritual<sup>44</sup>. Porém, se o movimento na sua origem atribuía um papel secundário ao culto das imagens, na Península Ibérica e nas colônias os seus adeptos conjugaram a espiritualidade ascética e mística com o apoio dos recursos imagéticos dos personagens bíblicos.

### *A formação de uma irmandade: uma estratégia de sobrevivência no eremitério*

Importa ressaltar que o grande esforço de levar frades franciscanos do Varatojo, de Brancanes ou da Arrábida para o Caraça se inseria na tentativa de dar legitimidade espiritual ao eremitério e de o colocar sob a supervisão de religiosos. A tentativa frustrada de pôr em funcionamento uma Ordem Terceira deu, por fim, origem a que o irmão Lourenço e outros residentes optassem por criar uma irmandade, conforme se lê no documento enviado ao Conselho Ultramarino em 1792<sup>45</sup>. Dois anos antes ele conseguira obter a aprovação canônica para abrir uma irmandade, graças a um breve de Pio VI datado de 17 de março de 1790.

E nos anos seguintes a associação foi enriquecida com “indulgências plenárias e parciais por cinco breves apostólicos de Pio VI e Pio VII”<sup>46</sup>. Lourenço conseguiu ainda do papa Pio VII ossos retirados das catacumbas pertencentes a mártires cristãos. Dentre esses restos, obteve o corpo de um desconhecido, nomeado localmente como «Santo Pio Mártir», que jaz na atual igreja do Caraça. Sem contar com outras relíquias que mandou vir de Roma<sup>47</sup>.

A associação religiosa concebida e materializada por Lourenço de Nossa Senhora e alguns dos seus confrades representa, efetivamente, uma novidade, senão mesmo um feito extraordinário, pois, ao contrário de outras tantas associações criadas no meio de povoações, e com a presença de muitos irmãos, a de Lourenço ficava distante de qualquer vila.

<sup>44</sup> DIAS, José Sebastião Silva. *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal. Séculos XVI a XVIII*, t. 1, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960. p. 11.

<sup>45</sup> O irmão Lourenço com os demais irmãos da Irmandade de N. Senhora Mãe dos Homens e de São Francisco das Chagas, da freguesia de Catas Altas, requisitaram ao Conselho Ultramarino a confirmação de seu compromisso, conforme o documento datado de 2 de junho de 1792. Cf. AHU/Lisboa. Minas Gerais, cx. 137, doc. 23. O ouvidor da Camarca de Sabará, Francisco Souza Guerra de Araújo, deu o seu parecer a respeito da requisição dos irmãos, em resposta à Coroa, em 1793. AHU/Lisboa. Minas Gerais. AHU-Minas Gerais, cx. 138, doc. 5.

<sup>46</sup> SARNELIUS, op. cit., p. 255.

<sup>47</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. Caraça, MG. Br. PBCM.CAR. T.2.2, pasta 64. Compromisso da Irmandade de N. Senhora de Mãe dos Homens e de S. Francisco das Chagas da Capella da mesma Senhora, sita na Serra do Carassa, Bispaço de Marianna.

Lourenço utilizou todos os recursos possíveis para vencer os obstáculos burocráticos que se lhe antepunham a fim de poder viver recolhido em sua casa religiosa da serra do Caraça, promover rituais e administrar os bens sagrados. Mediante a criação da irmandade, ele fez tudo para obter a legalização da instituição; tentou aproximar-se do poder eclesiástico local, oferecendo o hospício à supervisão do bispo, não obstante insistir até o fim da vida na exigência de os missionários franciscanos irem habitar aquele espaço.

A irmandade foi erigida com o nome de Nossa Senhora Mãe dos Homens e São Francisco das Chagas, na igreja do «hospício». Como já assinali anteriormente, o irmão Lourenço providenciou as imagens e as alfaias para os cultos. Ao criar a associação fraternal, ele deu um passo decisivo no sentido de resolver o problema da sobrevivência do seu eremitério. No compromisso de 1806, lavrado em Sabará, ele e mais três membros da confraria assinaram o documento e requereram a «Sua Alteza Real que fosse o perpétuo protetor da irmandade e da capela» e mandasse as justiças seculares e eclesiásticas cumprir as cláusulas do estatuto<sup>48</sup>. Lourenço já conhecia de longe as dificuldades interpostas pelas autoridades quando se tratava de dar andamento aos seus projetos.

Os bispos de Mariana não viam com bons olhos os seus empreendimentos espirituais no Caraça e é conhecida a postura de Dom Frei Cipriano, já apontada noutro passo deste texto, que emitiu um parecer dúbio remetido à Coroa portuguesa. O bispo nesse seu juízo deixou transparecer que o santuário criado por Lourenço o incomodava, conforme se pode conferir no registro que fez sobre o Caraça, sendo a sua principal objeção a questão das romarias ao lugar:

Quem por devoção, ou por divertimento vai passar tres, ou quatro dias naquelle sítio, que são raras as pessoas que lá vão por temor da Serra, voltão [sic] p.<sup>a</sup> suas casas mui contentes, *porque visitarão* [sic] *sete oratórios, que estão collocados em hum corredor*, que tornea toda a ermida; e também porque lucrarão indulgências que o ermitão Lourenço alcançou [sic] de Roma p.<sup>a</sup> atrahir os povos. E he p.<sup>a</sup> notar, que as poucas gentes que sobem `a Serra para ganhar indulgencias, como dizem, não entram nas suas respectivas Freguesias p.<sup>a</sup> se confessarem, e se usarem as que os Summos Pontífices concedem a todos os fieis, e em tantos dias do anno, como se lê na Bulla da Cruzada. Donde se infere sem receyo de errar, que o devertimto a novidade, e a sahida p.<sup>a</sup> fora das suas casas, he todo o móbil de taes romarias e devoções<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> Ibid., p. 3.

<sup>49</sup> AHU. Minas Gerais, cx. 177, doc. 33. Ofício do Bispo de Mariana, Frei Cipriano, no qual dá o seu parecer positivo acerca do requerimento do ermitão Lourenço, morador na serra do Caraça, no qual pedia a união da mitra com o hospital e ainda da necessidade mais missionários, a fim de povoarem o Hospício.

A grande festa dedicada a N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Mãe dos Homens celebrava-se a 29 de agosto e marcava a época da grande peregrinação ao Caraça. A irmandade abria as suas portas a quantos quisessem ingressar e o escrivão, por sua vez, ocupava-se em lançar o termo de entrada. Estava previsto que o candidato a irmão devia pagar de entrada seiscentos réis e trezentos de anuidade. Na véspera realizava-se a eleição dos oficiais e irmãos da Mesa<sup>50</sup>, composta por “hum Juiz, Escrivão, Procurador com vezes de Thesoureiro; doze Irmãos de Mesa, havendo-os na dita Capella, e confraria, e não os havendo servirão os que existirem: Hum Irmão Syndico vulgarmente assim chamado em cada Freguesia [...]”<sup>51</sup>.

A irmandade ao criar a função de irmão síndico procurou contornar um obstáculo: ter contato com os irmãos que moravam afastados na Serra. Em 1806 a congregação contava com vinte e cinco pessoas, conforme consta do capítulo 9. Devido à distância da Matriz, os irmãos anotaram no seu compromisso que a capela do Caraça devia possuir um sacrário e, em vista disso, se requereu ao Ordinário licença para que um sacerdote pudesse ministrar o Viático aos enfermos<sup>52</sup>.

No dia seguinte, dia maior da festividade, anunciava-se a composição da nova Mesa. O compromisso previa uma Missa cantada pelo capelão, com cantochão e toque de órgão. Estava ainda previsto o sermão e o pagamento de doze mil réis ao pregador. Com estes rituais gerava-se uma grande movimentação em torno do santuário, o que não deixava de incomodar o bispo, segundo se lê na documentação.

O estatuto da irmandade previa ainda que o capelão devia ouvir a confissão dos romeiros que se dirigissem ao santuário, da mesma forma que devia ouvir a confissão dos irmãos. Nesse aspecto, é de realçar a diferença desta irmandade em relação às demais criadas na região de Minas.

Haverá nesta Irmandade hum capellão de boa vida e costumes, prompto a confessar os irmãos e romeiros, ao qual se não fará porção, mas lhe serão dadas pela esmola de cem oitavas de ouro duzentas Missas para as dizer nos dias de cada hum anno e indispensavelmente nos Domingos e dias Sanctos, e nos sabbados no fim da Missa cantará a Ladainha de Nossa Senhora e serão applicados as ditas Missas por tenção dos irmãos vivos e defuntos<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. Caraça, MG. Br. PBCM.CAR. T.2.2, pasta 64. Compromisso da Irmandade de N. Senhora de Mãe dos Homens e de S. Francisco das Chagas da Capella da mesma Senhora, sita na Serra do Carassa. Bispado de Marianna, cap. 12, p. 15.

<sup>51</sup> Ibid., cap. 1, p. 4.

<sup>52</sup> Ibid., cap. 9, p. 12.

<sup>53</sup> Ibid., cap. 7, p. 10. Grifos nossos.

O capelão ficava igualmente obrigado a celebrar as missas aos domingos e dias santos, e também aos sábados, e a entoar, além disso, no fim da missa uma ladainha a Nossa Senhora e a rezar um total de duzentas missas por intenção dos vivos e dos mortos. O incansável irmão Lourenço continuava desta maneira a sua luta obstinada em prol da instituição que criara. Em 1790 já havia conseguido um Breve pontifício que a considerava “canônicamente ereta”<sup>54</sup>.

No capítulo oitavo do mesmo estatuto de 1805, ao tratar da guarda das esmolos, ele ainda expressava a sua esperança no tocante à vinda de missionários:

Haverá nesta Irmandade hum cofre com duas chavez, huma das quaes terá o juiz e outra o Procurador Thesoureiro, e caso se *verifique a permissão dos Missionários pedidos para esta confraria* a Sua Alteza Real, terá outra chave, o que de entre elles mais quiser, e for benemérito; o qual cofre servirá para nelle se guardarem todas as Esmollas de ouro ou prata da dita irmandade [...].<sup>55</sup>

Mesmo abeirado da morte, o irmão Lourenço não deixou de externar a sua preocupação com a ida dos missionários franciscanos para o Caraça. Segundo o capelão que o assistiu, o eremita ao final da vida teria dito que teve uma visão celeste quando lhe apareceu a Virgem a comunicar:

Eu sou, disse ela, a Rainha dos Apóstolos [...]. Alegra-te Lourenço [...]. Em breve eu mandarei missionários para a tua ermida [...]. Eles a guardarão em teu lugar [...]. Vem comigo para o céu<sup>56</sup>.

Se de fato o irmão Lourenço contou a tal visão ao eclesiástico, tal confissão sinaliza um ideal de missionário que ele queria que orientasse a vida espiritual dos irmãos. Podia ainda traduzir uma preocupação com a catequese dos povos. Ou também expressar um sentimento de descrença em relação ao trabalho espiritual realizado pelo clero local. A “mensagem” da Virgem condensava o sonho de uma vida espiritual, começada primeiro em Portugal, e depois transplantadas para solo colonial. Até o final o irmão Lourenço nunca desistiu dos seus projetos. Com perseverança, garantiu o exercício de todos os rituais no interior do seu estabelecimento; contratou um capelão celebrante de missas e

<sup>54</sup> SILVA, Padre Francisco. *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, XII, p. 161-162 apud CARRATO, José. *As Minas...*, op. cit., p. 353.

<sup>55</sup> Biblioteca e Arquivo do Colégio do Caraça. Caraça, MG. BR. PBCM.CAR. T.2.2, pasta 64. Compromisso da Irmandade de N. Senhora de Mãe dos Homens e de S. Francisco das Chagas da Capella da mesma Senhora, sita na Serra do Carassa. Bispado de Marianna, cap. XIII, p. 11. Grifos nossos.

<sup>56</sup> SARNELIUS, op. cit., p. 46.

acautelou a necessidade de os irmãos e os romeiros não ficarem privados do sacramento da penitência.

Recebido em: 05 de dezembro de 2015.

Aprovado em: 12 de fevereiro de 2016.